

Semanário

A PROVÍNCIA

Informação • Cultura • Recreio

AVENÇA

Proprietário, Administrador e Editor
V. S. MOTTA PINTO

Redacção e Administração — Av. D. Nuno Alvares Pereira, 18 — Telef. 030 4 67
MONTIJO

Composição e Impressão — «GRÁFICA MONTIJENSE», LDA. — Telef. 030 0 49 — MONTIJO

DIRECTOR
MOTTA PINTO

O ALENTEJO TAMBÉM É PORTUGAL

A revista «Cooperação», de Lisboa, de divulgação de problemas técnicos e económicos, publicava há dias um bem documentado artigo sobre os problemas do açúcar e a industrialização agrícola que, de

um modo geral, mereceram a nossa concordância.

Nele o seu autor acentua que os homens que fizeram o Relatório Final Preparatório do II Plano de Fomento, não esqueceram que tínhamos

cana de açúcar no Ultramar, como ao fazer-se a Central Térmica da Tapada do Outeiro, de apoio às hidroelétricas, se não esqueceu que tínhamos um potencial fabuloso de hulha branca, de energia à base do aproveitamento da água dos nossos rios. Era preciso aproveitar os carvões pobres portugueses e era preciso garantir em caso de emergência um mínimo julgado economicamente indispensável.

Lembra o articulista que a França é a segunda potência ultramarina do Mundo há boas décadas; que produz ou produzia açúcar no Ultramar em extraordinária abundância e que apesar disso todos os anos a emigração portuguesa, legal ou clandestina, para a sua metrópole, destinada ao emprego na apanha e trabalho da beterraba sacarina é substancial. Há centenas de portugueses do Norte empregados em França em trabalhos que se prendem com a sacarina da beterraba sacarina.

E quem aponta o caso da França, lembra, igualmente, o exemplo de ao pé da porta: a Espanha, com algumas centenas de milhar de hectares de regadio dedicados à beterraba sacarina. Mas mais ainda no artigo em questão se salienta:

«A metrópole, além da importação do Ultramar, tem que exportar para a Europa. Vivemos hoje o cruciante drama de criar produtos exportáveis. E não vamos apenas exportar Vinho do Porto e tomates».

Mas, mais ainda: sabe-se de fonte segura que Moçambique, o nosso maior território produtor de açúcar e, porventura, o melhor do Mundo teria exportado, em 1958, apenas 15.000 toneladas, no valor de 45.000, quando o contingente do consumo da Metrópole, em 1960, é nada menos que 154.000 toneladas, no valor de longas centenas de milhares de contos.

dedicação, as elevadas funções de presidente do Município da capital do Alto Alentejo—Évora.

Daí em diante a sua brilhante carreira política ao serviço da Pátria tem sido cada vez mais iluminante e profícua. Natural desta linda e garrida Setúbal, cidade centenária dos 3 castelos e rainha do Sado, V. Ex.^a desempenhou ainda as funções de seu presidente de Município e ainda as elevadas funções de deputado pelo distrito de Setúbal, à Assembleia Nacional. Como se o desempenho destes altos cargos não bastasse só por si para atestar os seus altos méritos, V. Ex.^a vem desempenhando ainda, de há 5 anos para cá, e, Deus queira que continue ainda por muitos anos, o elevado cargo de Governador Civil do nosso distrito Natal.

Foi precisamente no desempenho das funções de legítimo representante do Governo da Nação neste vasto distrito de Setúbal que V. Ex.^a se dignou convidar-me para o exercício do cargo de presidente da Câmara Municipal do Concelho de Montijo.

«Confesso que a princípio hesitei bastante na aceitação do convite, mas, passados dias, depois do desenrolar de certos factos que considero de mesquinhos em comparação com a sublime missão de servir a Pátria e, ainda pela minha posição especial de ser filho do Montijo, quase

Ainda a posse do novo

Presidente da Câmara de Montijo

Damos hoje, na íntegra, o discurso proferido pelo sr. Dr. Francisco Gouveia dos Santos, no seu acto de posse de Presidente do Município, acto reali-



Dr. Francisco Gouveia dos Santos, novo Presidente da Câmara M. de Montijo.

zado no passado dia 27 de Abril, no gabinete do Ex.^{mo} Chefe do Distrito:

Ex.^{mo} Senhor Governador Civil:

Minhas senhoras e meus senhores:

Vão para V. Ex.^a Sr. Dr. Miguel Rodrigues Bastos, digníssimo Governador Civil, as minhas primeiras palavras. Tem sido V. Ex.^a um digno, fiel e dedicado servidor do Governo da Nação há mais de uma dezena de anos. V. Ex.^a apenas com 29 anos de idade desempenhou, com elevada competência, zelo e

(Conclui na página 2)

Fisiologia do Cinema

Tem-se feito a fisiologia de tudo, e só o Cinema ainda não achou o seu analista. Todas as relações da vida, todos os ridículos e íntimos da vasta e complicada escala social, têm deparado com o seu Balzac e tido o seu Gervasi. A observação, inspirada pelo génio maligno da análise e exagerada pelos caricaturistas e humoristas, não tem deixado coisa alguma que não tenha feito desfilar na numerosa e agitada galeria da publicidade. E, todavia, o Cinema continua a conservar-se resguardado e privilegiado ante os golpes do escalpelo da crítica.

Qual será a razão disto? Os Cinemas, na minha maneira de ver e ser, são o espelho de toda a sociedade e o microcosmo, onde, em epílogos eloquentes de vida e verdade, se resumem os verdadeiros gestos, expressões e lineamentos de uma fisionomia nacional. As feições populares, a índole, tendências e hábitos de um povo.

Se analisarmos bem, um povo define-se melhor quando ri do que quando chora. E a razão é clara: é porque a dor, a sua expressão mais

eloquente, são as lágrimas, que é a linguagem aflitiva do coração de todas as épocas e de todos os países, de todas as condições e indivíduos, enquanto que a alegria se manifesta por tantos modos quantas são as diversidades de usos, costumes, temperamentos e caracteres das diferentes nações do globo.

Todos se dominam, mais ou menos, pela influência secreta do temperamento, mais ou menos sujeitos ao influxo duma civilização em atraso, ou atingindo em alto grau de aperfeiçoamento, e dispostos, por génio peculiar, a entregarem-se de alma e coração aos entretenimentos convencionais e fictícios que os progressos do gosto tenham improvisado e que o ócio exija como reagente moral.

Provado que os povos manifestam mais pronunciadamente todas as feições do seu carácter individual nas explosões de alegria e provando-se que os espectadores riem mais do que choram, está demonstrado que o Cinema é o local onde se

(Conclui na página 4)

As Festas de S. Pedro, em Montijo



Um dos números das Festas de S. Pedro de 1960, que atrairá as maiores atenções, será sem dúvida o da Batalha de Flores. Eis um carro sevilhano da Batalha de Flores levada a efeito em 1957.

(Conclui na página 5)

VENHA ÀS FESTAS POPULARES DE S. PEDRO, EM MONTIJO

DE 25 A 30
DE JUNHO

O discurso do Sr. Presidente da Câmara

(Conclusão da primeira página)

me senti no dever moral de aceitar o espinhoso cargo, embora com sacrifício dos meus deveres profissionais, pois desempenhava as funções de professor da Escola Industrial e Comercial do Montijo, as quais por virtude do art.º 75.º do Código Administrativo são incompatíveis com as de presidente de Câmara Municipal.

Embora reconheça que tarefa difícil e ingrata me espera, não pude eximir-me, quando reconheci que o meu concelho e a minha Pátria precisavam de mim, sim minhas senhoras e meus senhores, porque em virtude da nossa vida de relação, do aumento das nossas faculdades intelectuais, dos nossos deveres e obrigações contraídos para com a nossa Pátria, só podemos dizer SIM quando ELA nos chama.

Ainda antes de entrar propriamente na segunda parte das minhas palavras, quero deixar vincada publicamente, na qualidade de filho do Montijo, a minha estima e apreço pelo Presidente cessante, sr. José da Silva Leite, associando-me ao senhor Ministro do Interior pelo louvor que lhe conferiu. Também não posso esquecer a preciosa, dedicada e desinteressada colaboração que o sr. António João Serra Júnior, na qualidade de Vice-Presidente, vem prestando ao concelho de Montijo de há dez anos para cá.

Ao entrar na segunda e última parte das minhas modestas palavras, peço a Vossas Excelências me perdoem o desaforo de imiscuir nelas alguns conceitos económicos, mas não me foi possível resistir à tentação, dada a índole dos meus estudos de economia.

É o ser humano um somatório de despesas e como tal constitui uma riqueza para a Nação; à medida que vai vivendo acresce o seu custo e, quando entra numa certa fase, o seu custo marginal aumenta grandemente, não nos esquecendo que é ainda a Pátria que suporta grande parte das suas despesas. Sem querer entrar em pormenores, bastaria apenas debruçar-me sobre os sectores da Instrução Pública e da Organização Militar, para avaliar as despesas dos Governos com os seus naturais.

Embora não seja a primeira vez que exerço funções públicas, pois confesso com muita honra que já as exerci no sector militar e no da instrução pública, respectivamente como oficial e professor do ensino técnico, repito que me sinto feliz por continuar, agora noutro sector, a ser um modesto colaborador na estatística de renome universal, Prof. Doutor Oliveira Salazar, que ainda há bem poucos dias mostrou mais uma vez ao Mundo a razão de Portugal, a propósito do nosso litígio sobre Dadrá e Nagar-Aveli.

Administrativamente, o território do continente divide-se

em concelhos que se formam de freguesias e se agrupam em distritos e províncias.

Como deve ser do conhecimento geral, o Código Administrativo (artigos 76.º e 77.º) confere ao presidente da Câmara poderes para orientar e coordenar a acção municipal. Quem ler, estudar e interpretar com muita atenção os 15 números do artigo 77.º do Código Administrativo, decerto verificará que o campo de acção dum presidente de Câmara se amplia extraordinariamente. Este fenómeno decerto não é peculiar ao Direito Administrativo, torna-se também extensivo a outros ramos de Direito, se bem que, no caso concreto do artigo 77.º do Código Administrativo, não haja grande desencontro entre o «mens legislatoris» e «mens legis». O fenómeno aqui resulta fundamentalmente do alcance prático e social desses 15 números e não existe a bem dizer problema de interpretação de lei. É que muita coisa do artigo 77.º está confiada à visão pessoal do presidente da Câmara, à sua prudência, à sua clarividência ou inspiração, que, em cada caso concreto, ou melhor dizendo, em cada ano, deve ser preferida ou preterida; deixa-lhe a faculdade de escolher, optar, pesar as necessidades, escaloná-las e ir ao encontro do mais útil, do mais urgente ou do mais conveniente.

A lei muitas vezes põe à consideração do presidente da Câmara os mais diversos problemas, não o obrigando a decidir-se pela solução dum de preferência a outro.

Como se decidirá então o presidente? Pela opinião pública? Sem dúvida que ela é um factor importante a considerar, no sector administrativo, mas infelizmente ela é ainda hoje volúvel: hoje quer o que amanhã despreza; apeetece agora o que logo aborrece.

A opinião pública poderá contudo sugerir ao presidente na resolução dos problemas... Mas a razão de fundo deles só ele conhece; o presidente não pode nem deve esconder a verdade, antes pelo contrário tem de a encarar em toda a sua latitude e longitude e jogar com os meios económicos de que dispõe ou lhe são facultados pelo Governo e que acima de tudo condicionam a sua acção municipal.

Se analisarmos com cuidado a posição das várias classes e profissões perante o seu presidente do Município, vemos que o artista gostaria de ver no presidente um homem quase exclusivamente dedicado aos seus problemas e, se os não resolve a seu contento, é pessoa que degenera a sua missão, a traição ou descuro. Não serve, porque o artista decerto não tolerará que os outros não sintam como ele.

Os comerciantes e os industriais, sem dúvida pertencentes aos sectores mais rendosos dum concelho, gostariam de ver o presidente inteira-

mente absorvido e dedicando uma atenção muito especial aos seus problemas, não só porque estes sectores da vida económica contribuem fortemente para os cofres das Câmaras Municipais, mas ainda porque deles vive o número maioritário dos municípios que integram o concelho.

A segunda actividade — a industrial — é na realidade uma actividade extremamente dinâmica e de constante evolução técnica e económica e decerto precisa de terrenos para instalação das suas oficinas e fábricas a preços baixos, além da protecção prescrita pelo II Plano de Fomento.

A Indústria, grande esperança da economia portuguesa, não pode ser esquecida pelo presidente do Município. Esquecê-la é esquecer o progresso do concelho e o pão de centenas de famílias.

As pessoas humildes também têm os seus casos e problemas e apelam para o seu presidente do Município, que lhes deverá dar toda a protecção e carinho.

O agricultor poderá dizer que a Câmara o esquece, quando não executa bastantes melhoramentos rurais. É da terra que vive 60% da população portuguesa, isto é, mais de metade da população de Portugal está integrada no sector agrícola.

Enfim, o presidente da Câmara está perante uma multiplicidade complexa de problemas para os quais cada interessado pretende sempre uma melhor e mais rápida assistência. Todavia, o homem que está à frente dos destinos do Município não pode nem deve, com o risco de pecar por parcialidade, dedicar atenção especial a um ou outro problema, antes pelo contrário deve procurar fazer uma análise de conjunto, subordinando o interesse particular ao geral e o do concelho ou distrito, que por sua vez se deverá subordinar à Província e esta à Nação, que é a resultante de todas estas divisões administrativas.

O ideal seria que a realização do interesse geral resultasse do somatório da satisfação dos interesses particulares dos indivíduos ou das classes. Mas sabe-se que isso é impossível, e tal facto social tem algo de analógico com o que se passa com a árvore em relação à floresta. Tudo levava a crer que as características da floresta seriam as resultantes das características de cada árvore; todavia assim não acontece.

Os interesses particulares são muitas vezes incompatíveis entre si, opõem-se uns aos outros e aparecem formulados em termos tão ambiciosos, de tal modo subtractivos em relação à colectividade, que admitti-los todos corresponderia à própria desagregação do bem comum. O interesse nacional é o interesse de todos, considerado não só em relação ao presente como tendo em vista salvaguardar

A SOCIEDADE FILARMÓNICA MOITENSE

ESTÁ COMEMORANDO O SEU 32.º ANIVERSÁRIO

Realizou-se no passado domingo, dia 1 de Maio de 1960, mais um aniversário desta sociedade, o 32.º, para comemoração do qual se realizou, na vila da Moita, na sede da mesma, uma sessão solene, a que presidiu o Ex.º Sr. Governador Civil, dr. Miguel Bastos, tendo a secretariá-lo o Presidente da Câmara da Moita, dr. Pires da Costa, os srs. Parreira Alves, representante da Federação das Sociedades de Recreio, Joaquim Casimiro Tavares, Presidente da Sociedade em festa, dr. Cabral Adão, seu sócio honorário, dr. Carlos Santos, médico, Anibal Fernandes, da Sociedade «Os Franceses» do Barreiro, etc.

Nesta sessão usaram a palavra os srs. Manuel Candeiras, secretário da direcção; António Macau, pela Sociedade União Agrícola do Pinhal Novo; Mário Nascimento, pela Sociedade «Os Loureiros» de Palmela; o Presidente da Sociedade Humanitária de Palmela, Parreira Alves, dr. Cabral Adão, o Presidente da Câmara, José Flambó Magno, que orientou a sessão, e por último o Sr. Governador Civil, tendo todos os oradores exaltado a obra extraordinária realizada no decurso destes 32 anos, e exortado a massa associativa a reorganizar a sua banda de música, cuja sala será inaugurada no próximo dia 22, por Sua Ex.ª o Ministro das Obras Públicas.

Ao terminar a sessão, no fim de todas aquelas manifestações de bem querer inspiradas nas palavras de cada orador, a banda da União Agrícola, do Pinhal Novo, deu um concerto, tendo-se

sempre o futuro. Por isso não é o de ninguém em particular. O interesse nacional, quando realizado, vem sempre a ser benéfico para todos os membros da colectividade, ainda quando haja preterido ou sacrificado alguns egoísmos individuais.

Para que um presidente de Câmara possa na verdade desenvolver uma política de bem comum, é necessário que concentre em si todos os grupos ou facções, amalgamando-os numa «matéria» cujas «moléculas» correspondam a municípios bons e prontos a colaborar com o Município e consequentemente com a Pátria, no seu engrandecimento.

Para terminar, cumpre-me salientar ainda que, além de outros deveres, um bom presidente de Câmara Municipal tem dois que se podem considerar fundamentais.

— Um constitui a função de ser um fiel e dedicado delegado do Governo no concelho que preside; outro o de procurar exercer uma prudente, conciliatória, legal e imparcial administração concelhia, sobrepondo-se decerto o primeiro ao segundo dos deveres.

depois servido aos convidados um lauto copo de água.

Do discurso do nosso colaborador Dr. Cabral Adão, registamos o seguinte passo:

«A vós, caros consócios, senhores e senhoras, supponho ter dito tudo quanto se pode e deve fazer em festas de aniversário, tantas já são as que eu tenho assistido com o prazer íntimo da minha presença, desde que aqui vim a primeira vez, trazido pela mão amiga e muito saudosa do Baptista Gonçalves, que Deus tenha em Glória.

O sentimento exprime-se por um voto muito sincero de parabéns. Mais um ano, mais um avanço para o prestígio e a consolidação desta obra magnífica que espera dentro breve de sopesar a sua cúpula para ficar completa. A inauguração simbólica da Casa da Música é um prenúncio que não pode deixar-se em falso.

Os grandes empreendimentos só podem realizar-se se forem apoiados em três fortes esteios fundamentais: a responsabilidade, a pertinácia e a devoção.

Quem assume funções directivas seja no que for, assume a responsabilidade séria, digna e nobilitante de cumprir a sua missão o melhor que puder, que é um pouco além do que o melhor que souber, pois na efectivação do seu programa pode agregar incentivos, assistências e encorajamentos dos elementos que o cercam, empenhados no mesmo fim.

Quem se deixa eleger para cargos de direcção aceita tácitamente pesada obrigação, o sagrado compromisso, de bem desempenhar a sua missão; e a denegação das responsabilidades do mandato seria a única anomalia a estranhar-se.

Há a contar com o brio do investido, que quererá, pelo menos, manter o nível de prestígio em que a instituição se encontra, das gerências pretéritas, quando não prestigiá-la ainda mais, com realizações novas, com ampliações, com dotações cada vez mais ricas, de molde a deixá-la, quando se retirar do seu quarto de sentinela, para passar o mandato aos dirigentes que se lhe seguirem, segura da sua força, creditada na sua importância.

Há a contar com a sua capacidade criadora, que por isso mesmo foi escolhido de entre as centenas dos seus consócios, o seu coeficiente de inspiração, a sua reserva de ideal, para os aplicar inteiramente no código de confiança em si depositada.

Há a contar com a sua alta noção de dever, uma das mais nobres marcas que podem tatuar o carácter de alguém.

Tudo se poderá pulverizar se não houver pertinácia. A direcção de qualquer casa nunca se exerce sem dificul-

(Conclui na página 4)

AGENDA ELEGANTE

Aniversários

Fazem anos:

MAIO

-No dia 12, o sr. José d'Almeida de Oliveira Faria, genro do nosso dedicado assinante sr. José Ângelo Jor.

-No dia 13, o sr. Onofre Marcelino Rodrigues, nosso dedicado assinante.

-No dia 13, a sr.^a D. Maria Palmira de Pinho Ângelo Faria, filha do nosso prezado assinante sr. José Ângelo Jor.

-No dia 14, completa o 4.º aniversário o menino José Arnaldo Pinho de Oliveira Faria, neto do nosso dedicado assinante sr. José Ângelo Jor.

-No dia 14, a sr.^a D. Alcinda Alves Tormenta, esposa do nosso prezado assinante, sr. Abílio Gonçalves Tormenta Jor., residente em Lisboa.

-No dia 15, o menino Francisco Manuel Baliza Calado, filho do nro estimado assinante sr. António Maria Calado.

-Ainda no mesmo dia, o nosso prezado assinante sr. Luís Jesus Rufino.

-No dia 16, o nosso estimado assinante sr. Nicolau Madeira Soares.

No dia 17, completa 30 anos a sr.^a D. Basalisa Maria Rodrigues Futre, esposa do nosso estimado assinante sr. Joaquim Rodrigues Carvalho Futre, residentes, no Brasil.

-No dia 18, o sr. Armindo Mar-nosso dedicado assinante.

A todos os aniversariantes, apresentamos as nossas felicitações.

AGENDA UTILITÁRIA

Farmácias de Serviço

MAIO

6.ª feira, 13 - GIRALDES
Telef. 030 0 08

Sábado, 14 - MONTEPIO
Telef. 030 0 35

Domingo, 15 - MODERNA
Telef. 030 1 56

2.ª feira, 16 - HIGIENE
Telef. 030 0 70

3.ª feira, 17 - DIOGO
Telef. 030 0 32

4.ª feira, 18 - GIRALDES
Telef. 030 0 08

5.ª feira, 19 - MONTEPIO
Telef. 030 0 35

Boletim Religioso

Vida Católica

Horário das missas

MAIO

6.ª feira, 13 - às 8,30 e 9 h.
Sábado, 14 - às 8, 8,30 e 9 h.

Domingo, 15 - às 8 h., na Misericórdia; às 9 h., no Afonsoeiro, e no Samouco; às 16,30 na Atalaia e no Alto Estanqueiro, às 10, 11,30 e 18 h., na Igreja Paroquial.

2.ª feira, 9 - às 8, 8,30 e 9 h.
3.ª feira, 10 - às 8, 8,30 e 9 h.

4.ª feira, 11 - às 8,30, 9 e 9,30 h.
5.ª feira, 12 - às 8,30, 9 e 11,30 h.

ESPECTÁCULOS

Cinema-Teatro Joaquim de Almeida

Maio

5.ª feira, 12, às 21.30 (17 anos), A mais engraçada comédia do ano, em vistavision, «O HERÓI DO REGIMENTO», com Jerry Lewis.

Sábado, 14, às 21.30 (17 anos) Dois filmes em cinemascope, «A VEDETA IMAGINÁRIA», com Mick Michéyl, Jean Bretonniere e outros grandes nomes do music-hall francês, e «QUANTEZ, A CIDADE PERDIDA», um filme de acção com Fred Mac Murray, Dorothy Malone e James Barton.

Domingo, 15, às 21.30 (12 anos) Um filme colorido alemão, com Romy Schneider e Paul Hubschmid, «A MIÚDA».

Terça feira, 17, às 21.30 (17 anos) Um filme de acção com Tony Curtis e Sidney Poitier, «OS AUDA-CIOSOS»; em complemento, o filme em technicolor e vistavision, «O AVARENTO APAIXONADO» com Diana Dors, John Grefphon e Susan Ftephen.

MONTIJO

FESTAS DE S. PEDRO FALECIMENTOS

Já está em execução a vária propaganda destinada às Festas de S. Pedro do corrente ano — cartazes, programas, miniaturas para os carros eléctricos de Lisboa, etc.

Também já se iniciaram os programas de Rádio patrocinados pelas Festas, os quais poderão ser escutados através de Rádio Clube Português, às 2.ªs feiras, pelas 21.30 horas.

A avaliar pelas informações solicitadas à Comissão, podemos afirmar que estão em organização inúmeras excursões dos mais distantes pontos do País.

Em especial pelos dias de domingo e 2.ª feira há grande entusiasmo, resultante de se voltarem a efectuar de novo dois números que foram sempre de grande expectativa para os forasteiros — a Batalha de Flores e a Marcha Luminosa.

A Gincana de Automóveis está despertando enorme interesse, mercê dos cuidados da sub-comissão, que, não se poupando a esforços, está desenvolvendo grande actividade, a fim de que este nú-

Elisiário Q. de Carvalho

A Secção de Basquetebol do Clube Desportivo de Montijo, passando no próximo dia 11 do corrente o 1.º aniversário do falecimento deste seu inditoso atleta, promove no domingo, dia 15, em hora a determinar, uma romagem de saudade à sua campa.

Os antigos e actuais jogadores, amigos e companheiros do inesquecível Eliziário de Carvalho, que desejem participar na romagem, poderão encontrar-se junto à sede do Clube à hora que na referida sede será oportunamente anunciada.

Presidente da Câmara de Montijo

No desconhecimento de grande parte das moradas das excelentíssimas pessoas que se dignaram assistir à sua posse no passado dia 27 do mês findo, o Presidente da Câmara vem por este meio agradecer, muito reconhecidamente, a sua presença no referido acto.

Trespasa-se

CASA DE VINHOS E COMIDAS, com habitação e adega. Trata-se na Rua Almirante Reis, n.º 76, Telef. 030134 — Montijo

Empregada

Precisa-se de 30 50 anos. Resposta a este jornal.

Trespasa-se

MERCEARIA, no melhor local de Montijo. Urgente, motivo à vista. Informa: Telefone 030385.

mero constitua um valioso pormenor do vasto programa das Festas.

Os bailes populares do Mercado Central terão início a 9 de Junho, com o apreciado Conjunto José da Silva, do Barreiro.

Conforme já foi anunciado, os dois primeiros bailes serão filmados, fazendo-se a projecção do filme nos últimos bailes, que se realizam a 23 e 24 de Junho.

No Festival de Folclore, que é levado a efeito na noite de 28 de Junho, participam os seguintes Ranchos:

Rancho Folclórico do Bairro, de Santarém; Rancho Folclórico do Clube de Desportos e Educação Física do Norte e Loure; Rancho dos Pescadores de Santarém; Rancho Típico Sete Saias, de Benavente (Adultos) e Rancho Típico Sete Saias (Infantil).

Na tarde de 27 exibem-se os Ranchos de S. Francisco, de Vila Franca de Xira e ainda outro Rancho a designar.

Estes Ranchos participam também na Marcha Luminosa, animando-a com os seus bailados e canções.

Declaração

Para conhecimento se declara que José Vieira Ribeiro, deixou de ser encarregado de Marmores e Cantarias Souse, Lda, pelo que esta Firma não se responsabiliza por qualquer acto praticado pelo mesmo indivíduo relativo às funções que exercia anteriormente.

A Gerência

Empregado de Escritório

Deseja colocação, com 16 anos de prática de todo movimento geral numa só Firma. Idade 29 anos, casado. Preferível no Montijo ou arredores. Resposta a este jornal, ao N.º 145

Vende-se

Uma adega com tonéis para duzentas e quarenta pipas de vinho, uma caldeira e um depósito para aguarde, na Rua Dr. Manuel da Cruz, Montijo. Trata-se na mesma Rua n.º 53.

Faleceu no passado dia 5 do corrente, no Hospital de Santa Maria, em Lisboa, o sr. Carlos dos Santos Cabrita, de 62 anos de idade, natural de Évora e funcionário dos Caminhos de Ferro, na situação de reforma.

Deixa viúva a sr.^a D. Domitília Simões Cabrita, e era pai das sr.^{as} D. Elvira Apolinária Simões Cabrita, D. Domitília Perpétua Cabrita Travelho, casada com o nosso prezado assinante sr. José Maria Travelho, Jor., residente no Estoril, e do nosso funcionário António Carlos Simões Cabrita.

O funeral efectuou-se no dia 9, às 16 horas, para o cemitério de Benfica.

A toda a família enlutada, e em especial aos srs. António Simões Cabrita e José Maria Travelho Jor., «A Província» apresenta sentidas condolências.

Na sua residência, em Lisboa, faleceu no passado dia 10 a sr.^a D. Perpétua Emília Cardeira, de 89 anos de idade, viúva, natural de Montijo.

A extinta era mãe do nosso dedicado assinante sr. Francisco dos Santos Simões, da sr.^a D. Domitília Simões Cabrita e avó do nosso funcionário sr. António Carlos Simões Cabrita.

O funeral realizou-se no dia seguinte, para o cemitério de Montijo.

A toda a família enlutada, e muito especialmente ao nosso assinante e ao sr. António Simões Cabrita, apresentamos sentidas pêsames.

Câmara Municipal de Montijo EDITAL

FRANCISCO GOUVEIA DOS SANTOS, PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE MONTIJO:

Faz público que esta Câmara Municipal, em sua reunião de 4 de Maio corrente, deliberou, ao abrigo do art.º 9.º do Regulamento Geral de Edificações Urbanas, que desde 5 de Maio a 30 de Junho próximo sejam devidamente reparadas com obras de pequenos rebocos, caiações e pinturas, os prédios desta Vila que de tal necessitem.

Estas obras estão isentas de licença.

Findo aquele prazo e não feitas as obras, os proprietários incorrem nas penalidades legais aplicáveis.

Para constar se publica o presente e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares públicos do costume.

Montijo, 5 de Maio de 1960.

O Presidente da Câmara, Francisco Gouveia dos Santos

SANFER, L.ª DA

SEDE ARMAZENS

LISBOA, R. de S. Julião, 41-1.º MONTIJO, Rua da Bela Vista

AEROMOTOR SANFER, o moinho que resistiu ao ciclone — FERROS para construções, ARAMES, ARCOS, etc.

CIMENTO PORTLAND, TRITURAÇÃO de alimentos para gados.

RICINO BELGA para adubo de batata, cebola, etc. CARRIS, VAGONETAS e todo o material para Caminho de Ferro.

ARMAZENS DE RECOVAGEM

VIDA PROFISSIONAL

Médicos

Dr. Avelino Rocha Barbosa

Das 15 às 20 horas
Rua Bulhão Pato, 14-1.º
Telef. 030 2 45 - MONTIJO

Consultas em Sarilhos Grandes às 9 horas, todos os dias, excepto às sextas feiras.

Dr. Fausto Neiva

Largo da Igreja, 11
Das 10 às 13 e das 15 às 18 horas.
Telef. 030 2 56 - MONTIJO

Dr. A. Gonçalves de Azevedo

Médico-Especialista

Boca e Dentes - Prótese

Consultas às 2.ªs e 4.ªs feiras das 14 às 21 h. 3.ªs, 5.ªs e Sábados das 14 às 17,30 e das 19,30 às 21,30 h.

R. Almirante Reis, 134 - MONTIJO

Instituto Policlínico Montijense

Rua Bulhão Pato, 18

Consulta de Ouvidos, Nariz e Garganta

Dr. Emílio Alves Valadares

Todos os sábados, às 9 horas

Análises Clínicas

Dr.^a Maria Manuela Quintanilha

Todos os dias, às 10,30

Consultas de Oftalmologia

Dr. Elísio Morgado

Quintas-feiras, às 14 horas

Consultas de Ginecologia

Dr.^a Isabel Gomes Pires

3.ªs e 6.ªs feiras, às 16 horas

Parteiras

Armanda Lagos

Parteira-Enfermeira

PARTO SEM DOR

Ex-Estagiária das Maternidades de Paris e de Strasbourg.

De dia - Rua Almirante Reis, 72
Telef. 030 0 38

De noite - Rua Machado Santos, 28
MONTIJO

Augusta Marques Charneira

Parteira - Enfermeira

Diplomada pela Faculdade de Medicina de Coimbra

R. José Joaquim Marques, 231

Telef. 030 5 56 - MONTIJO

Telefones de urgência

Hospital, 030 0 46

Serviços Médicos Sociais, 030 1 98

Bombeiros, 030 0 48

Táxis, 030 0 25 e 030 4 79

Ponte dos Vapores, 030 4 25

Polícia, 030 1 44

G. N. R., 030 0 01

DESPORTOS

Sociedade Moitense

(Conclusão da página 2)

Basquetebol

Campeonato Nacional da 2.^a Divisão (Zona Sul)

ALGÉS, 54 - MONTIJO, 39

Do nosso Redactor Artur Lucas

Os Montijenses somaram a 2.^a derrota deste torneio, mas, diga-se de passagem, a vitória assenta muito bem à equipa vencedora.

Os visitantes alinharam inicialmente sem Tomás Pontes, quanto a nós inexplicavelmente, porquanto não só se trata do nosso melhor marcador como é também excelente orientador dentro do campo.

Jogando contra uma excelente equipa, no seu ambiente, interessava, em nossa opinião, fazer logo de início pontos, de forma a dar-se um mínimo de chance à equipa adversária. Mesmo apesar do jogador Manuel Ribeiradio estar com uma boa «mão», não impediu que a marcação subisse favorável aos visitados. Outro erro foi ainda a entrada de Tomás Pontes para o lugar de João Bernardes, quando devia ser para o de Heitor, porquanto interessava, para termos quaisquer possibilidades, manter a nossa melhor formação em jogo, que é: Tomás, Ribeiradio, Teodomiro, Bernardes e José Maria. Outra causa do abaixamento da nossa equipa, foi a actuação do jogador José Maria, pois em todo o encontro quase se limitou a fazer figura de corpo presente, jogando sem fibra e sem apego à luta e ainda fazendo algumas faltas desnecessárias.

Nestas circunstâncias, era de todo impossível sairmos vencedores. A turma actuou sem entendimento, afundando-se na defesa e sem ligação de qualquer espécie. Saliante-se, no entanto, a correcção que demonstrou o Algés, que ao intervalo já vencia por 31-16, beneficiando sem dúvida da má actuação dos adversários, que não seria o suficiente se não fora o bom entendimento que demonstrara e sobretudo um grande querer de vencer.

Com a derrota dos Montijenses, o Algés igualou-nos no 1.^o lugar, pelo que terá de haver outro jogo para de-

sempate, a realizar em campo neutro. Para esse jogo, os rapazes de Montijo têm de acautelar-se se quiserem sair vencedores. Têm de aplicar-se a fundo e com um grande querer e sobretudo pôr a funcionar a sua grande arma de sempre: o contra-ataque rápido, que neste encontro esteve totalmente arredo. Não sabemos ainda onde se realiza o jogo, mas onde quer que seja, os rapazes que tão digna e brilhantemente têm representado o Basquetebol da nossa terra, merecem e devem ter o apoio de todos os Montijenses, de forma que sintam que o seu esforço não foi em vão. Acompanhemos, pois, os nossos representantes, não lhes faltando com o nosso apoio.

Arbitragem criteriosa dos srs. Quitas e Salgado.

As equipas alinharam e marcaram:

ALGÉS: Carlos Gonçalves (16), Fernando Brites (11), Américo Martins (3), Luís Euvidá (15), António Mota (6) e Fernando Bicho.

MONTIJO: Heitor, Teodomiro (2), Manuel Ribeiradio (9), José Maria (6), João Bernardes (7), Tomás Pontes (15) e Luciano.

Como nota final, diremos que o jogador do Algés Luís Euvidá só saiu quando atingiu 6 faltas, mas o regulamento manda sair com 5 faltas. «Um descuidozinho da mesa».

Elisiário Quintino de Carvalho

Passou no dia 11 do corrente o primeiro aniversário do falecimento do inditoso e inesquecível atleta do basquetebol montijense Elisiário Quintino de Carvalho. Todos que com ele privaram — companheiros, adversários e amigos — certamente sentirão a falta daquele grande camarada e amigo que um golpe traçoeiro do destino tão cedo roubou ao nosso convívio.

A Secção do Basquetebol

dades, consabido como é que toda a rosa tem espinhos, todo o ofício tem ossos. E então, a teimosia dum director, se for inabalável, se for firme e nunca disposta a ceder, tudo pode vencer, pode ultrapassar todos os parasitas do caminho, os atritos, as contrariedades, os contra-ventos, as inércias, os bocejos, os desdénis, como uma roda de lagartas dominando os obstáculos mais acidentados, como um facho aceso exposto a todos os ventos sem se extinguir.

Por isso, e porque se trata de obras humanas, em que o erro é possível, necessário se torna ao director uma boa dose de tolerância para conter, de compreensão para superar, de inspiração para adivinhar, de paciência para convencer, sem nunca ceder ante os pontos essenciais do seu programa, muito embora.

A perseverança é uma das principais características dos seres vivos. O pássaro, a quem o vento, ou o homem, ou o bicho contraria a construção do ninho, começa e recomeça um cento de vezes até o ver feito, porque essa é a sua missão natural, o alvo do seu instinto. A formiga, que pretende levar um grão mais comprido para o formigueiro, se este se atravessa na entrada da lura, por falta de jeito que o torne possível, experimenta uma e mil vezes, pede auxílio às companheiras, apura o instinto, nunca desiste... até que entra triunfante com o seu contributo para a comunidade. A flor, posta num antro escuro, alonga o caule, por um instinto de fototropismo que a guia, incurva-se, esfor-

ça-se e vem finalmente à friesta aberta na parede, à procura da luz de que precisa para viver.

Se o homem não fosse perseverante, não tínhamos hoje as grandes conquistas do seu génio inventivo e descobridor. Não fora o génio perseverante do Infante D. Henrique e dos navegadores quatro e cinco-centistas, e não teríamos a epopeia que ilumina a nossa História. Não fosse a pertinácia de Pasteur, horas esquecidas entre os frascos do seu laboratório, e nós não sabíamos as causas das doenças infecciosas, de que se morria por falta de tratamento apropriado. Não fora a pertinácia dum S. João de Brito ou dum S. Francisco Xavier, e nós não usufruiríamos as graças da sua santificação, bem expressas nos últimos tempos pela protecção sobrenatural que dispensam aos nossos direitos de potência imperial.

Finalmente a devoção. O homem que trabalha, necessita das horas vagas para se recrear, para descansar, recompondo-se do desgaste a que o trabalho fatalmente leva. Mas quem dirige seja o que for, tem que sacrificar muitos ócios ao bem comum, procurando nesse trabalho supletivo o gosto, o prazer que lhe compensará o espírito, levando à recuperação por via imperceptível.

De resto, o tempo bem distribuído chega para tudo. Apesar da hora vertiginosa que vivemos, os 24 círculos de sessenta minutos podem esticar-se, podem amoldar-se às necessidades dum momento, contrair-se, dilatar-se conforme nós os aproveitamos. E tudo merece a colectividade a que nos devotamos, e tudo merece a terra onde ganhamos o pão, a terra que nos deu berço, a Pátria que nos sagrou com a santa bênção da lusitanidade!

Sacrifício eis o lema de todas as vitórias, de todas as conquistas, de todos os esforços honestos.

Exorto os corpos gerentes da nossa «Capricho» a continuarem a pugnar pelo brilho do nosso futuro, reconduzindo esta sociedade filarmónica ao lugar que lhe compete, na função artística peculiar de que dependeu a sua formação.

E na hora do balanço ao trabalho feito, a recompensa brotará como oiro líquido dum cornucópia abundante. Esta hora de comemoração, com a distinção que lhe vemos, é, já por si, um prémio ao esforço destes, como de todos os directores passados.

Parabéns, «Capricho». E sempre na vanguarda!

Estabelecimento

Arrenda-se, sem trespasse na Praça Gomes Freire, n.º 23 - Montijo, em frente ao novo mercado. - Trata, n.º 22. - Telefone 030 3 78

ALCOCHETE

Homenagem ao Presidente de Câmara

Como gratidão para com o Sr. Presidente da Câmara Municipal de Alcochete, Ruy de Sousa Vinagre, que ao longo de 12 anos de contínuo e acertado labor conseguiu remoçar, sob todos os aspectos, a sua terra, devem-lhe rodos os Alcochetanos e todos os Amigos de Alcochete o preito do seu reconhecimento.

Esse reconhecimento, para já, vai concretizar-se num almoço de confraternização com o homenageado, a realizar no próximo dia 15, pelas 13 horas, no Quartel dos Bombeiros Voluntários desta vila.

Trata-se de uma justa manifestação de carinho e muita gratidão, absolutamente íntima, retintamente alcochetana, do mais puro e acendrado bairrismo, e por isso mesmo esperamos resulte brilhante, já que a gratidão é uma qualidade que dignifica o homem.

Assiste o Ex.^{mo} Sr. Governador Civil de Setúbal

FISIOLOGIA DO CINEMA

(Continuação da primeira página)

denuncia, em toda a sua diversidade característica, fogo e vivacidade, o sentir moral dum povo.

Debaixo deste ponto de vista, o Cinema é um tema vasto às ponderações de todo o espírito reflexivo e observador. Vê-se nele como se reflectem todas as variantes, condições e alternativas duma existência. Cada espectador representa um episódio, cada reflexão denuncia um indicativo moral da vida, cada alvitre experimenta uma relação de aperfeiçoamento intelectual, cada comoção evidencia um afecto, cada confrangimento revela um carácter, cada lágrima caracteriza uma paixão e cada riso patenteia uma alma.

Tudo isto, expresso com alarido, movimento, expansão, arrojo e alacridade, mascarando os afectos, disfarçando palpitações, modificando os mais ténues ímpetos interiores, esconde-nos a face leal que ajudaria as investigações da curiosidade do analista.

É porque a rigidez da etiqueta proíbe que o coração ria à flor dos lábios. Os sentimentos, expressados na força da verdade e energia, são banidos do código de bom tom. Apesar da contrafeição que a alma sente, a despeito destas imposições sobre o desabafo das sensações, há momentos em que o efeito dum lance dramático ou dos trejeitos trunescos de um vegete, atira com essa falsa máscara das convenções fora do rosto do grande mundo, e o obriga a rir e a chorar como um qualquer.

(Conclui no próximo número)



SIMCA

O carro dos 14 RECORDES MUNDIAIS!

MÁXIMA SEGURANÇA NA ESTRADA

Peça uma demonstração aos concessionários no distrito de Setúbal

MARPAL, LDA.

Rua José Joaquim Marques, 150 - Telef. 030545 - MONTIJO

Viúva Vasques Azevedo,
Martin Navarro & C.^a, Lda.
Vila Real de St.^o António - Telef. 69
Vende casca de pinha mansa seca
em Alcácer do Sal. Quem pretender
dirija-se à firma supra.

O ALENTEJO TAMBÉM É PORTUGAL

(Conclusão da primeira página)

E o articulista sustenta depois uma posição que nós próprios várias vezes temos defendido e que fazemos nossa e segue.

O problema da produção de açúcar na Metrópole, partindo da beterraba sacarina no Alentejo, não depende de produzir-se ou não nas Províncias Ultramarinas, toda a matéria-prima que o consumo metropolitano reclama e das vastas possibilidades de expansão que Moçambique comporta.

É preciso dar ao Alentejo uma indústria de concentração natural subordinada às naturais exigências de ordem técnica e económica, que sirva de escola e de paliativo em todas as emergências e para todos os casos. A economia alentejana estiolará sem a exportação industrial.

A isto acresçam-se imperativos de Defesa Civil do Território. Qualquer Manual básico esclarecerá que não há segurança para os Exércitos e a população civil, sem alimentos assegurados. Em caso de guerra ou de grave emergência em tempo de paz, a possibilidade de assegurar os «stocks» nas actividades económicas e industriais é inapreciável. E o açúcar, como elemento essencial às populações, tem importância capital.

Uma luta generalizada, com submarinos em permanente alerta contra os transportes portugueses; vicissitudes civis internas sopradas de fora ou pela paixão dos homens, põem em risco o abastecimento de açúcar na Metrópole portuguesa. E o que se pede é tão somente no Alentejo uma unidade açucareira com dimensões capazes de apoiar os direitos legítimos do Alentejo à vida digna de ser vivida sem prejuízos para as posições, que não são ilimitadas, de uns tantos industriais.

É isto, aliás, o que ressalta da aprovação na reunião da Câmara Municipal de Évora



do Minho ao Guadiana



Queluz

Integrado nas Comemorações do seu XXVII aniversário, organiza o Clube Atlético de Queluz os Jogos Florais da Primavera, cujo Regulamento é o seguinte:

Art.º 1.º - Aos JOGOS FLORAIS podem concorrer todos os sócios ou não sócios do Clube organizador que residam em qualquer parte de Portugal.

Art.º 2.º - São admitidos exclusivamente os seguintes géneros:

a) - POESIA DEDICADA À FLOR

b) - POESIA OBRIGADA AO MOTE

«Em Queluz a Primavera

Dura seis meses no ano»

c) - POESIA LIVRE

d) - SONETO

e) - QUADRA

Art.º 3.º - Os concorrentes podem apresentar apenas um trabalho de cada género e não concorrer a mais de três géneros.

§ único - No género quadra podem ser admitidos até três trabalhos, desde que não tenham ligação entre si.

Art.º 4.º - Todos os trabalhos devem ser apresentados em duplicado e dactilografados a dois espaços, em papel de máquina, formato comercial.

de um alvitre para a instalação de novas indústrias, concretamente da produção de açúcar de beterraba, lacticínios, curtumes, moagem e massas, montagem de tractores e muitas das que forçosamente venham a instalar-se para industrialização dos nossos produtos agrícolas e peccuários que a lavoura produzirá, logo que esteja realizada, mesmo parcialmente, a obra de irrigação do Alentejo, contida nos Planos de Fomento.

No dia 28 de Abril passado estiveram em Lisboa, conferenciando com o director do Banco de Fomento, os Srs. Presidente da Câmara de Évora e o vogal, Sr. Francisco Gutierrez Caeiro, espírito dinâmico, moderno e empreendedor. Oxalá a sua coragem e confiança, a sua boa-fé e amor do Alentejo tenham colhido boas directrizes e algumas certezas.

C. A. N.

Montargil

§ único - Sempre que o concorrente apresentar mais de uma produção, deve fazê-lo em folhas e sobrescritos separados.

Art.º 5.º - Cada trabalho deve ser assinado com um pseudónimo diferente e enviado à Direcção do Clube em sobrescrito fechado, no qual se fará a especificação do género.

Art.º 6.º - Os sobrescritos mencionados no número anterior devem ser acompanhados de outro, lacrado, onde o concorrente indicará, exteriormente, o pseudónimo e, interiormente, o nome e respectivo endereço.

Art.º 7.º - Não serão admitidas as produções que tenham obtido outros prémios em concursos promovidos, quer por organismos particulares, quer por oficiais.

Art.º 8.º - O prazo para a entrega das produções termina, impreterivelmente, no dia 25 de Maio de 1960.

Art.º 9.º - Um Júri constituído por um Delegado do Clube Atlético de Queluz, um representante de «A VOZ ACADÉMICA» e três pessoas de reconhecido valor literário, apreciará as produções, classificá-las e tornará público o título das premiadas e o nome dos seus autores.

Art.º 10.º - Não há recurso das decisões do Júri.

Art.º 11.º - Não há obrigação de restituir os originais, sejam ou não classificados.

Art.º 12.º - Para cada um dos géneros mencionados no Art.º 2.º, são instituídos prémios e menções honrosas.

Art.º 13.º - A entrega dos prémios e menções honrosas, assim como a leitura dos trabalhos premiados, serão feitas em sessão especial para a qual serão convidados os concorrentes premiados.

Art.º 14.º - O Júri reserva-se o direito de não atribuir prémios ou menções honrosas, no caso de as produções apresentadas lhe parecerem inadequadas ao objectivo da iniciativa ou não terem nível suficiente.

§ único - Se o Júri entender atribuir um prémio especial, este não afectará a classificação do 1.º, muito embora os dois possam ser acumulados num único prémio.

Art.º 15.º - Os casos omissos ou as dúvidas que possam surgir na interpretação ou execução do presente Regulamento, serão resolvidos pelo Júri.

Art.º 16.º - O Jornal de Queluz «A VOZ ACADÉMICA», reserva-se o direito de publicar os trabalhos premiados, na medida das suas disponibilidades de espaço.

Montargil

ESCUTISMO - graças à iniciativa do Rev. Padre António dos Santos Pereira, foi inaugurado em Montargil, no passado dia 24, um grupo de escuteiros - Agrupamento CXXX, Alcateia N.º 2, Beato Nuno Alvares.

VISITA ÀS HERDADES DOS LEITÕES E MONTALVO - A Comissão de Coordenação dos Problemas Florestais Mediterrânicos da F. A. O., visitou no dia 25 p. p. as herdades dos Leitões e Montalvo, sítas na freguesia de Montargil, e de que é proprietário o sr. João Lopes Fernandes.

TROÇO DE ESTRADA EM PÉSSIMO ESTADO - Encontra-se em péssimo estado, na estrada que liga Montargil a Ponte do Sor, o troço desde Rasquete ao início do alcatroamento. Das colunas de «A Província» chamamos a atenção de quem de direito, para a solução do caso.

SUGESTÃO - Não é segredo o ser a Misericórdia local bastante pobre. Porque não a realização de um cortejo de oferendas, assim como de um Concurso de Pesca Desportiva e de um torneio de tiro aos pratos? A sugestão aqui fica.

Lino H. C. Mendes.

Santarém

Feira do Ribatejo

Vem aí a Feira do Ribatejo: De 29 de Maio a 12 de Junho, Santarém veste as melhores galas para festejar este acontecimento de tão feliz inspiração, a afirmar-se cada vez mais da maior importância para a vida económica da Província.

Inclui este ano a Feira no seu programa um festival internacional de folclore, que se prevê já o maior e mais notável de quantos se têm realizado em Portugal.

Na verdade, após aturadas e dedicadas diligências, têm-se obtido os mais animadores resultados e pela elaboração do cartaz se conclui que até agora não foi possível reunir tão elevado número de conjuntos da melhor reputação, como tão grande diversidade de países.

Conta-se a presença de representantes de França, Bélgica, Luxemburgo, Suécia, Espanha e Itália.

Portugal, de norte a sul, terá a representação da grande maioria das províncias.

E o Ribatejo, no seu característico inconfundível, um colorido sem par, apresentará os seus mais altos valores:

Grupo Infantil de Dança Regional de Santarém, Grupo Académico de

Aguas de Moura

VII CURSO DE ARROZEIROS - No Posto Experimental do Vale do Sado, em Águas de Moura, realizou-se a sessão do encerramento do VII Curso de Arrozeiros. Presidiu o sr. Governador Civil do distrito, dr. Miguel Bastos, ladeado pelos srs. eng.ºs Costa Lopes, da Direcção Geral dos Serviços Agrícolas; Pessoa Lopes e Pais de Almeida, respectivamente presidente e vice-presidente da Comissão Reguladora do Comércio do Arroz; eng.º Capela, da Junta de Colonização Interna; eng.º Costa Neves, director da Estação de Fruticultura; dr. Teixeira Marques, Delegado de I. N. T. P.; Adelino Esteves, presidente do Grémio dos Industriais de Arroz e António Ahrens Novais.

Foram 17 os candidatos submetidos a exame, cujos interrogatórios estiveram a cargo dos srs. eng.ºs agrónomos Afonso Gago da Silva, Veríssimo de Mira e Palma Antunes. Em seguida, o sr. dr. Miguel Bastos fez entrega dos prémios em dinheiro e objectos de uso próprio, bem como dum relógio de pulso, duma carteira e duma caneta no valor total de 70.000\$. Estes prémios foram alcançados com a colaboração das Casas do Povo e Grémios da Lavoura do distrito de Setúbal, empresas particulares e de entidades oficiais. Depois, os alunos que concluíram o curso fizeram entrega ao sr.º eng.º Francisco Pereira Beija, director do Posto, duma significativa lembrança, que por sua vez agradeceu a presença do sr. Governador Civil e dos outros convidados. Encerrou a sessão o sr. Dr. Miguel Bastos, que felicitou o sr. eng.º Beija e todos os seus colaboradores pelo êxito destes cursos.

Danças Ribatejanas e os Ranchos de Almeirim, do Cartaxo, do Bairro de Santarém, dos Pescadores do Tejo, de Torres Novas, Riachos e Vale de Santarém.

O que de melhor tem Portugal para receber e enfrentar os seleccionados representantes do estrangeiro. Um festival único que exige um dispêndio muito caro, mas que há-de resultar da maior beleza e efeito.

Nos dias 10, 11 e 12, o Folclore nessa feição tão séria e tão cuidada, proporcionará na Feira do Ribatejo, um acontecimento por certo inolvidável.

Compra-se

PRÉDIO

Informa nesta Redacção.

Serviço 1 - Sala 5

Um conto por Miguel Alves

(Continuação do número anterior)

Mary e Tony fitam a vasta planície que se estende ao longe. Uma espessa cortina vermelha barra o horizonte.

No enorme salão de jogos da Casa de Saúde Belo Horizonte, o movimento é intenso. Joga-se, discute-se, consultam-se jornais e revistas. Uma atmosfera de fumo e de pesadelo. O círculo vicioso dos que aguardam, através do correr lento do tempo, o tempo-terminus dos seus sofrimentos! Nuns, alegria e resignação. Noutros, tristeza e revolta. Um misto, de lágrimas e sorrisos, um conjunto de ansios complexos. A vida não pára. A vida e a morte pairam sobre aquelas fronte erguidas à esperança e à renúncia.

Num pequeno comparti-

mento, com acesso ao salão, estão instalados os serviços de P. B. X. Uma jovem de cabelos loiros move-se num atender contínuo de comunicações. Solicita e sorridente, vai atendendo todos os que a ela se dirigem e enviando para os respectivos andares as chamadas recebidas.

Súbitamente, no quadro respeitante ao sector-urgente, uma ficha cai, fazendo retinir violentamente o sinal de alarme. A jovem estabelece a comunicação. O seu rosto contrai-se. Nos presentes reina a expectativa. A jovem entra agora em contacto com os serviços médicos: «Alô!... Serviços de P. B. X. do Belo Horizonte. Doente grave. Médico-internado. Perigo de vida. Comparência urgente. Serviço 1, Sala 5».

Desligou. Por momentos,

fitou o vácuo. Ali. Todos sentiam e compartilhavam o mesmo sentimento. No salão, a notícia correu célere. Porém, quem estava em perigo de vida? Desconheciam. Eram vários os médicos ali internados. Mas não estavam eles todos em perigo de vida? Não estava a sua penosa existência subjugada por um mal que não perdoa? Condenados ao lento desaparecer das forças que os podia levar mais longe... Através dos sorrisos e das tranquilas felicidades (embora dentro da relatividade dessa mesma existência), eles imploravam o direito à vida e repudiavam a morte como elemento absurdo - ainda que inevitável um ser a mais ou a menos, nada pesava na balança existencial, no contróle dos seus pensamentos. Todavia, a morte de um significava momentaneamente a morte de todos - marco final da corrida para o impossível.

A enfermeira Mary, que aproveitara uns momentos de descanço para se deslocar à cidade mais próxima, dirigia-

-se para o edifício. Incluídas na sua pequena bagagem, que constituía as compras efectuadas, vinham duas alianças de ouro - a realização veemente do seu sonho. Ao passar por entre os hóspedes do fatídico hotel, notou rostos contraídos algo de trágico. Todos a olhavam como se expiasse um crime. Acaso teriam sabido das suas relações com Tony? Que importava? Estava próxima a partida de ambos para uma felicidade maior.

Mary sobe no elevador para o 2.º andar. Coloca, sobre uma pequena mesa, o fardo das compras. Corre à Sala 5. Quer mostrar a Tony o que os há-de acorrentar na vida e no futuro.

Apróxima-se. Abre a porta. Recua. Na sala procede-se às formalidades indispensáveis em tais casos. Tony já sobre o leito, envolto num lençol. Uma fulminante fulminara-o para sempre.

A roda do destino havia rodado. O verde da esperança deu lugar ao negro da morte.

A cada canto, a cada passo, o espectro terrorífico do fim, felicidade de hoje, desgosto de amanhã. Tony cumprira a sua missão. Partira quando desejava ficar. Partira levando para o eterno a certeza de um grande amor, a felicidade de ter sido amado e compreendido. A revolta terminara. Ele acabava de alcançar o fim acalentado em vida: a liberdade incondicional. Deixava, porém o rastro da sua presença. Na alma de Mary a dor não encontrava lugar. O seu coração, agora trespassado pelo golpe traiçoeiro e implacável do imprevisto, jámais conheceria o calor dum afecto, o abrigo dum sorriso. Fechado para a vida, continuaria a sangrar sobre a recordação sempre viva dum amparo ingloriamente perdido.

No alto, com a boca escancarada para a noite, Belo Horizonte recorta-se no horizonte sem fim. As suas torres intermináveis erguem-se para o Céu, como símbolo dum passado de ilusões.

Lisboa, 7-8-58

Crónica de Cinema

Contaram-me (e eu vendo-a pelo mesmo preço) que alguém dissera a Artur Duarte, quando este se preparava para iniciar as filmagens de «Encontro com a Vida»:

—Agora é que vai começar o trabalho...

E que Artur Duarte, respondeu apenas:

—Porquê? Já tenho tudo pronto. Agora é só filmar...

Anedota ou não, tem fundamento autêntico. Tivemos entre mãos o *script* desse filme que se está a rodar nos estúdios da Tobis. É dos mais pormenorizados. Vimos também, os apontamentos para a filmagem de cada plano. Desde a colocação dos móveis (tudo à escala), à posição relativa dos artistas e às deslocações da «câmara», tudo ali está, já, rigorosamente marcado. Quer dizer, antecipadamente pensado.

E do Chaplin a Tati, de Clouzot a Clair, a preparação de um filme é sempre a fase mais importante. Depois é só filmar.

É evidente a distância que separa Artur Duarte, da generalidade dos quatro mestres citados. Mesmo assim, o director português está muito mais próximo deles que alguns dos seus colegas e compatriotas, na convicção de que o cinema é, também, uma técnica com os seus preceitos e exigências.

Este aspecto é muitas vezes esquecido por aqueles que julgam que ao seu talento especificamente artístico bastam a improvisação e a criação imediata.

E que bastasse?!?

A improvisação obriga à repetição dos planos filmados, uma, cinco, dez vezes, até se obter o ideal remoto. Tempo, filme, tudo ao desbarato.

Artur Duarte sabe o que quer, tem um talento da organização quase única entre nós (no campo cinematográfico) e tem no seu activo, muitos filmes «limpos» que deram dinheiro à indústria. É sempre preciso não esquecer que, em todo o mundo, as obras de arte cinegráfica surgem de uma indústria já organizada e a render, Artur Duarte, não pode atingir a obra de arte, mas está no campo daqueles cujo esforço industrial a poderá permitir.

É melhor que estar naquele sector falhado de nascença, que quer chegar logo onde as suas unhas não conseguem e que só contribui, afinal, para empobrecer a indústria e envilecer a arte.

Esta ideia quanto a Artur Duarte, têm-la defendido bastas vezes. No entanto, nunca o tinha visto no *plateau* a dirigir. Isso aconteceu agora, curioso como somos de ver os estúdios da Tobis com a pontinha da animação que agora os ampara.

Pois tendo visto muitos realizadores a dirigir os seus filmes, foi desta a primeira vez que vimos filmar, consecutivamente, meia dúzia de planos difíceis, sem repetir um só. E na mesma Tobis, assistimos, certa vez, ao re-

petir de uma cena, (talvez de menor dificuldade) apenas 17 vezes...

Primeiro, Artur Duarte ensaia, ensaia até que tudo esteja a seu gosto. Só depois é que a Câmara de filmar entra em acção. A economia é, assim, de considerável importância.

Conhecendo o argumento de «Encontro com a Vida» — que aliás, não vamos contar, pois é de um saboroso imprevisível — e tendo assistido às filmagens — primeiro jornalista que o conseguiu — ficou-nos a impressão de que vamos ter filme, que «Encontro com a Vida» é uma película com largas probabilidades de êxito.

Maria Dulce, na suave Ana Maria e Rogério Paulo, no atormentado Dr. Manuel, constituem um par a contento.

Afora estes dois valores do palco e do cinema de Portugal e Espanha, novos valores se afirmam através dos 469 planos que hão-de constituir o novo filme português «Encontro com a Vida».

Esses novos valores vão desde o pequenito de 9 meses (filho de Rogério Paulo) que tem parte activa na acção, a miúda de 6 anos (filha da actriz Ana Paula) que é um primor de ternura, até ao jovem estreante (de 65 anos) que se chama João Crisóstomo e, mais até, a essa prometedor Luz Velloso (a grande actriz do Teatro Nacional) que só enfrentou as câmaras de filmar no próprio dia em que completava as suas 81 ridentes primaveras.

A completar o elenco do «Encontro com a Vida», anotemos os nomes de Maria Olguim, Elvira Teles, Artur Agostinho, Luís de Campos, Curado Ribeiro, entre outros.

A história intrigante do «Encontro com a Vida» tem a particularidade de se tratar de uma história universal. Pode ter decorrido há dois séculos como no século que

vive, tanto é lógica em Portugal, como na Itália, na Argentina ou na Nova Zelândia.

Uma história com interesse e que, se for bem defendida, pode situar o filme ao nível médio da produção internacional.

Por acaso, «Encontro com a Vida», decorre na sua parte mais dramática, num lar burguês de Alvalade. Tornou-se necessário construir no estúdio o complexo exacto de uma casa de habitação normal. Daí, a exigência das quatro paredes das exiguas habitações modernas, obrigarem Artur Duarte a prodígios de movimentação da câmara de filmagens, nos recintos dessas divisões a que já nos habituámos.

Esta busca da realidade, exigiu uma planificação muito estudada e que ficará, possivelmente como modelo.

Todos estes factores que vimos apontando obrigam-me a aguardar com bastante interesse, a estreia do «Encontro com a Vida». E aguardamo-la com confiança.

No S. Luís esteve, em espectáculos de folclore, a «Caravana Oficial de Música Popular Brasileira», apresentada pelo dramaturgo Joracy Camargo.

LISBOA — Está em rodagem e será completado brevemente o novo filme de Artur Duarte: «Encontro com a vida».

Tendo por protagonistas Maria Dulce e Artur Semedo, o filme será estreado dentro de dois meses.

CRÓNICA MUSICAL

O difícil papel que está confiado ao crítico musical exige uma honestidade intelectual e moral que garanta ao leitor uma apreciação de factos nitidamente lúcida, independente e objectiva.

Indispensável também ao crítico é a sua bagagem musical, a experiência viva daquilo que é a música, apreciada

Uma das rubricas mais apreciadas pelo público é, sem dúvida, a do teatro radiofónico — modalidade de magníficas virtualidades espectaculares e de poderoso efeito emocional.

O rádio-ouvinte toma, assim, contacto com as melhores produções da literatura dramática, na impossibilidade evidente de as ver representadas, tanto na capital, como nos teatros de província.

Graças a este recurso, aliás da maior utilidade cultural, temos ouvido, através da Emissora Nacional, algumas peças teatrais do mais elevado mérito literário, tanto da lavra nacional, como estrangeira.

Numa das últimas noites a E. N. deu aos seus ouvintes uma peça de grande cartaz e justamente considerada obra de fundo do teatro português: «Os Velhos», de D. João da Câmara.

Deste famoso dramaturgo — glória das letras pátrias — observou um dos críticos, o Dr. Jorge Faria, num ensaio, há pouco publicado:

«A ele com justeza se pode aplicar o que Garrett escreveu: «não fez senão inspirar-se nas fontes claras da poesia portuguesa», ou lembrar Gil Vicente quando evocava «as suas redondilhas perfumadas por quanta planta bravaria enche na Primavera essas charnecas de Portugal».

É bem o legítimo herdeiro dos dois, porque como eles remonta na essência e no espírito à frescura lírica da nossa poesia primitiva.

em profundidade — nos seus aspectos estéticos, filosóficos e técnicos — e dentro do circunstancialismo, imposto pelo meio artístico, exerce a sua acção.

Sem querermos aprofundar excessivamente este assunto, parece-nos serem as condições apontadas fundamentais ao bom e construtivo labor

Dramaturgo por excelência da saudade e da renúncia, do amor e da fé, da terra e da bondade, as suas peças reflectem exuberantemente a sua singular e estranha personalidade.

O seu nobre e fundo espiritualismo, a sua sensibilidade estruturalmente lírica a sua ardente e pura fé cristã, a lição meditativa dos nossos grandes místicos Fr. Tomé de Jesus ou Fr. Agostinho da Cruz, a sua desafectada elegância mental, a sua nobreza de alma, maior ainda do que a do nobiliário, o seu exemplar desprendimento das coisas terrenas, o seu enранhado amor franciscano pelos humildes, pelos desvalidos, fazem dele o mais lididamente português dos dramaturgos contemporâneos.

Em toda a sua obra palpita o anseio fremente de acender a Deus pela fé, à beleza pelo amor, à semelhança de certo torturado personagem de Currel.

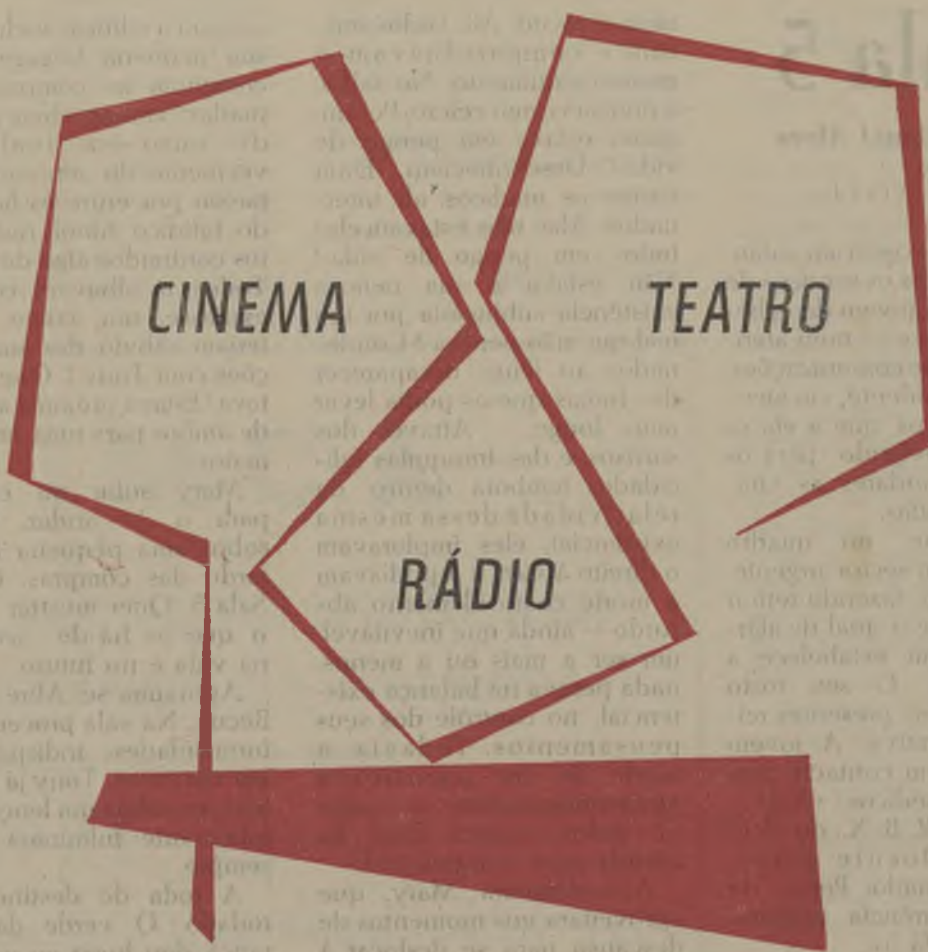
Eis, numa breve síntese, o perfil mental e moral do excelso criador de almas, todas animadas de um calor humano de raiz bem lusitana — figuras de galeria que se sublimam à luz da ribalta ou até mesmo junto do microfone radiofónico.

Foi, assim, que ouvimos agora *Os Velhos* em escrupulosa interpretação de um conjunto de artistas que, de há muito, se aprimorou nesta atraente e proveitosa modalidade de recriação teatral.

do crítico. Claro está que, no verdade, difícil é reunir todas estes requisitos; partindo mesmo do princípio que todo o crítico, ou candidato a crítico, é basicamente honesto, o elemento cultura musical surge-nos num plano da maior importância, porquanto essa cultura, tão geral e tão especializada quanto possível, não se improvisa nem se adquire com a mera, embora assídua, frequentação de salas de concerto.

A incompleta preparação de um crítico pode levar a verdadeiras falseações na apreciação do comportamento dos artistas e do complexo cultura — psicológico que rodeia a obra de um compositor. Quando, porém, essa má preparação assenta em indivíduos cuja estrutura moral não garante a independência e objectividade da observação, neste caso a crítica torna-se criminosa pelo que contém de falso e imoral.

Dentro de uma vida musical devidamente ordenada, a crítica ocupa hoje um lugar importante; compete pois aos que exercem essa espinhosa profissão a tarefa de a manter no nível de dignidade que lhe é essencial, despojando-se de todo o pessoalismo e pon-do um pensamento construtivo, recto e são ao serviço de uma causa tão elevada como é a música — afastando serenamente aqueles que a aviltam, utilizando a crítica musical para servir interesses ou exercer mesquinhas represálias.



CINEMA

TEATRO

RÁDIO